

APRESENTAÇÃO >>> 30 ANOS DEPOIS... PARA QUE(M) AINDA SERVE(M) OS MUSEUS E COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS?

Graciele Karine Siqueira
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
UFC

Paola Haber Maués
Galeria de Arte e Coleção Amazoniana de Arte da Universidade Federal do Pará
UFPA

Rodrigo Luiz dos Santos
Museu Universitário da Pontifícia Universidade Católica de Campinas
PUC Campinas

O dossiê temático *Museus e coleções universitárias panoramas históricos, provocações reflexivas e proposições metodológicas para o século XXI* da Revista Arteriais, publicação do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (UFPA), tem origem na realização do VII Fórum Permanente de Museus Universitários - FPMU, acontecido entre os dias 28 de agosto a 01 de setembro de 2023. O evento nacional, que reúne profissionais de museus e coleções universitárias brasileiras, ocorreu na cidade do Rio de Janeiro e foi organizado em parceria pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, e representadas por servidoras do Museu Nacional, Museu da Geodiversidade (UFRJ), Escola de Museologia (UNIRIO) e Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (UNIRIO/MAST).

Tendo em vista da importância da representação e diversidade regional, a Comissão Organizadora do sétimo fórum contou ainda com representantes de quatro (4) regiões do Brasil por meio da participação de técnicos-administrativos e docentes ligados às universidades brasileiras: Sul - Universidade Federal do Paraná (UFPR); Sudeste - Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC/Campinas), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO);

Nordeste - Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); e Norte - Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade Federal do Acre (AFAC). A Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU) também apoiou a realização e colaborou na organização das reuniões temáticas do evento.

O evento, que teve como título *30 anos depois... para que(m) ainda serve(m) os museus e coleções universitárias? Panoramas históricos, provocações reflexivas, perspectivas empíricas e proposições metodológicas para o século XXI*, buscou considerar aspectos históricos e sociais que emergiram das próprias discussões e construções desde o primeiro FPMU, realizado no ano de 1992, assim como as demandas da contemporaneidade - questões sobre práticas e relações com os diferentes coletivos, para além de uma perspectiva de ação unilateral, que se tornam cada vez mais urgentes aos museus universitários, voltados historicamente para um público restrito ao espaço acadêmico.

A programação do VII FPMU foi organizada e distribuída durante os 5 dias do evento, e nesta sétima edição, reuniu 242 participantes inscritos, e destes se somam 140 autores e 88 resumos aprovados para comunicações, 23 pareceristas

científicos, 8 reuniões temáticas, 26 estudantes monitores, 7 intérpretes de LIBRAS e 37 convidados, dentre palestrantes e mediadores das atividades. Ocorreu ainda, no último dia, visitas técnicas aos museus e coleções universitárias da UFRJ. As atividades aconteceram nos espaços da Casa da Ciência, Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, UNIRIO e Instituto Benjamin Constant, todas no bairro da Urca, na cidade do Rio de Janeiro. Houve a disponibilização de um formulário de avaliação pós-evento com 308 respondentes. Em relação aos conteúdos e temas abordados no VII FPMU, quase a totalidade dos participantes respondentes (307) comentaram positivamente, assim também quanto a aplicabilidade dos conteúdos em sua atividade museológica, educativa e científica, e em relação a qualidade dos trabalhos apresentados.

No programa científico do evento, encorajamos reflexões no âmbito das seguintes áreas temáticas: 1) Panoramas históricos, 2) Provocações reflexivas, 3) Perspectivas empíricas e 4) Proposições metodológicas. Esses recortes abrangentes permitiram que toda a diversidade que envolve os museus e coleções universitárias estivessem contempladas nas possibilidades de reflexões como, por exemplo, os mais variados temas abordados, a comunicação em seus múltiplos formatos, retorno presencial pós-isolamento social decorrente da pandemia, os variados públicos e profissionais envolvidos, acervos e coleções, gestão, orçamento, organização administrativa na universidade, relação entre ensino, pesquisa e extensão, educação museal, acessibilidade, diversidade e inclusão, entre outras possibilidades. Abaixo segue a descrição dos eixos temáticos de acordo com o projeto científico do evento:

1. PANORAMAS HISTÓRICOS

No início da década de 1990, precisamente no ano de 1992, inúmeros movimentos e encontros despontavam internacional e nacionalmente, inclusive no âmbito museal. No Brasil, tendo como grande evento e marco a Eco 1992, também acontecia um evento de proporções menores, mas de igual relevância para os museus: o I Encontro Nacional de Museus Universitários (atual Fórum Permanente de Museus Universitários). Naquele contexto, foram tratados 03 eixos temáticos: Museu e a sua relação com a Universidade; Museus e Cidadania; e a Pesquisa em Museus.

Aqui, propomos o exercício de revisitar tanto os acontecimentos ocorridos a partir deste marco temporal, como também esses eixos temáticos, agora sob a égide das necessidades e questões colocadas pelo século XXI:

Museu e a sua relação com a Universidade. Como pensar as coleções e os museus na relação com as universidades a partir de uma perspectiva abrangente, que inclui outros coletivos que se relacionam e/ou confluem com essa instância de ensino? Como pensar/gerir as coleções e museus universitários num contexto de desmonte das instituições de ensino (principalmente públicas), que afeta mais ainda os museus nas suas fragilidades? Que problemáticas os museus universitários enfrentam ao não serem considerados atividade fim da universidade?

Museus e Cidadania. Qual a importância das coleções e museus universitários no ambiente acadêmico, que também promove hierarquias, exclusões e opressões? Como as coleções e os museus universitários têm abordado, ao longo de seus caminhos e descaminhos, os diferentes coletivos que o circundam? Como são tratadas as diferenças e a urgente necessidade de inclusão - seja ela pelo viés das deficiências físicas, cognitivas e/ou pelas barreiras interseccionais?

Pesquisa em Museus. Quais os desafios para a manutenção de ações em prol do conhecimento dos acervos e coleções universitárias que extrapolam uma perspectiva científica? Para além de um processo de difusão e/ou divulgação das coleções universitárias, quais os caminhos para uma pesquisa que privilegie a participação de outros coletivos que não estão enquadrados na comunidade acadêmica?

2. PROVOCAÇÕES REFLEXIVAS

Sob a regência dos capitais científicos produzidos e legitimados pelas universidades, as coleções e museus universitários se beneficiaram, ao longo de sua história, de uma dada narrativa que, em geral, foi tida como inquestionável. Entretanto, movimentos e discursos, recorrentemente nomeados de “pós-verdades”, questionam determinadas teorias, leis, preceitos, enunciados e acordos do campo científico tais como “terra plana”, “negação do Holocausto”, “negação de ditaduras”, “negação da pandemia”, disseminação

massiva de *fake news*, entre outros movimentos. Considerando tal realidade, o questionamento levantado desde o primeiro encontro a respeito do que vinha a ser um museu universitário nos confronta sobre o que somos hoje, e nossa fachada de neutralidade é colocada em xeque.

Se não entendemos mais os museus como instituições neutras e inquestionáveis, o que somos hoje? Como as coleções e os museus universitários se posicionam (ou poderiam se posicionar) frente a movimentos que questionam o pensamento produzido por nossas instituições, seja pela via acima apresentada ou pelo reconhecimento da existência (legítima) de outras formas de ser, estar e compreender o mundo? Como as coleções e os museus universitários têm abordado (ou poderiam abordar) questões tratadas ou pertinentes aos giros decoloniais e/ou feridas coloniais? Quais contribuições reflexivas as coleções e os museus universitários podem apresentar sobre a importância de processos inclusivos desde sua concepção, planejamento e manutenção da sua existência como espaço democrático? Como as coleções e os museus universitários se encaixam, se adaptam ou mesmo se contrapõem à nova definição de museu proposta pelo ICOM em 2022?

3. PERSPECTIVAS EMPÍRICAS

No âmbito da Museologia, desde os anos 1990 temos presenciado movimentos que, para além de contribuir teórica e metodologicamente para a disciplina, têm influenciado e tomado como principal foco mudanças nas práticas museais: Nova Museologia, Museologia Crítica, Sociomuseologia ou Museologia Social, são nomenclaturas de apenas alguns desses movimentos. E os museus universitários também foram afetados por tais perspectivas teórico-práticas, contribuindo para a Museologia com experiências próprias, não menos revolucionárias. Este eixo, portanto, propõe-se a ser um espaço de compartilhamento das nossas experiências museais, considerando questões e propostas tais como:

Quais contribuições para a Museologia, no âmbito das práticas de coleções e museus universitários, podem ser exemplos para novas ações e práticas museais? Quais abordagens comunicacionais, em diferentes formatos, foram apropriadas e usadas por essas coleções e museus? Em que medida o

uso das novas tecnologias tem contribuído para se repensar e ressignificar as práticas museais? Quais atividades com os diferentes coletivos, públicos, comunidades e grupos de interesses têm sido realizadas? Quais experiências expográficas e museográficas têm sido usadas e re-elaboradas por museus universitários? Como a indissociabilidade Ensino, Pesquisa e Extensão, tão defendida e conhecida pelas universidades, contribui para outras formas museais para além desses espaços? Quais experiências inovadoras durante o período da pandemia e/ou retorno após isolamento social foram e/ou ainda são desenvolvidas neste contexto? Quais práticas voltadas para questões de diversidade (de gênero, sexualidades, raciais, religiosas, culturais, regionais, entre outras), acessibilidade e inclusão e de educação museal têm sido desenvolvidas e protagonizadas pelas coleções e museus universitários?

4. PROPOSIÇÕES METODOLÓGICAS

Na interface entre a universidade e o museu, os híbridos coleções e museus universitários se apropriam, moldam e ressignificam metodologias de investigação e de práticas produzidas tanto no âmbito da academia quanto no campo museal. Processos de pesquisa histórica, historiográfica, antropológica, sociológica, entre outros, alinhados aos processos de musealização, musealidade e/ou patrimonialização, encontram nas coleções e museus universitários acolhida, mas também surgem a partir deles, sendo referência no rigor metodológico de tais práticas. Entretanto, novas metodologias têm surgido na contemporaneidade, tanto no campo científico quanto especificamente no âmbito museal. O foco deste eixo, portanto, é propiciar espaço para conhecimento e difusão de novas práticas e proposições metodológicas.

Quais práticas metodológicas têm permitido a inclusão de novos conhecimentos e saberes externos à universidade e suas coleções e museus? Que proposições metodológicas museais e/ou relacionadas ao papel das novas tecnologias podem ser inventadas e/ou aplicadas às coleções e museus universitários? Quais novas proposições metodológicas de catalogação e documentação têm surgido a partir de reflexões na Museologia, no encontro com novas práticas museais nesses espaços? Quais metodologias surgem ou quais metodologias existentes são transformadas no

contexto da pandemia? Quais metodologias de gestão participativa e inclusiva existem no âmbito das coleções e museus universitários? Quais metodologias surgem para minimizar deficiências já conhecidas dos acervos universitários, como de orçamento e de pessoal? Quais metodologias de educação museal, educação patrimonial, educação ambiental, arte-educação, dentre outras, se destacam no contexto das coleções e museus universitários? Quais metodologias existem ou podem existir, de inserção e participação de diferentes coletivos comunitários, indígenas, quilombolas, LGBTTIAP+, entre outros?

**

Neste dossiê temático da Revista Arteriais focado nas Coleções e Museus Universitários estão publicados dez (10) artigos de trabalhos apresentados nos eixos Panoramas Históricos, Provocações Reflexivas e Proposições Metodológicas, sendo o restante das pesquisas divulgadas em parceria com a revista Muiraquitã, da Universidade Federal do Acre, com previsão de publicação também para o ano de 2024. Após a leitura e análise dos trabalhos submetidos à revista, a organização do dossiê realizou a divisão dos textos em três grandes blocos temáticos: Gestão de Coleções e Museus Universitários; Acessibilidade em Foco; e Perspectivas sobre os Acervos de Universidades.

Em relação a temática da **Gestão de Coleções e Museus Universitários**, o artigo de Jéssica Tarine Moitinho de Lima (UFPA) e Yasmin Corrêa Coelho (UFPA), intitulado REDE DE COLEÇÕES E MUSEUS UNIVERSITÁRIOS: UMA EXPERIÊNCIA NA AMAZÔNIA PARAENSE, descreve os progressos alcançados pela Rede de Coleções e Museus da Universidade Federal do Pará, ressaltando sua abordagem inovadora na gestão de coleções universitárias em conjunto com a divulgação da profissão do museólogo. O artigo OS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS E OS ESTÁGIOS DO CURSO DE MUSEOLOGIA DA UFOP, de autoria de Gilson Antônio Nunes (UFOP), verifica a relação entre o curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto, e os museus universitários da instituição, comprovando a intrínseca contribuição dos museus da universidade para a formação dos futuros museólogos, ao mesmo tempo que os estágios suprem necessidades das instituições

museológicas na conservação e salvaguarda de suas coleções. De autoria de Vinícius Melquíades dos Santos (UFPI), Camilly Santana Nascimento (UFPI) e Kamila Carvalho Feitoza (UFPI), o artigo ENTRE QUATRO PAREDES? REFLEXÕES A PARTIR DA MUSEALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA E DO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO PARTICIPATIVO DO MAP/UFPI analisa o Programa de extensão Plano museológico participativo (PLAMPA-MAP/UFPI) para o desenvolvimento de atividades vinculadas a elaboração deste documento de gestão e planejamento exigido por legislação. Por fim o texto GESTÃO INCLUSIVA E ACESSIBILIDADE NOS REPOSITÓRIOS DIGITAIS: A EXPERIÊNCIA DO LAVMUSEU, WEBMUSEU E TAINACAN LAB ECI UFMG, de autoria de Ana Cecília Rocha Veiga (UFMG) apresenta o caso do laboratório digital LavMUSEU da UFMG, com enfoque no protótipo Webmuseu Tainacan Lab e na instalação piloto Tainacan Lab ECI UFMG, descrevendo os detalhes deste estudo, as configurações da instalação do laboratório e as exposições on-line que nele tomaram curso até o momento da publicação, contribuindo para que a experiência possa ser replicada em outras universidades e instituições de informação e cultura.

No que se refere ao segundo tema do dossiê **Acessibilidade em Foco**, o artigo de Thiago Giordano de Souza Siqueira (UNESP), COLEÇÕES E COMUNIDADES DE INTERESSE DO MUSEU AMAZÔNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS: RELAÇÕES COM A AGENDA 2030, analisa o papel do Museu Amazônico (MA) da Universidade Federal do Amazonas na preservação e apresentação do patrimônio cultural e científico, com foco em seu impacto educacional e turístico a partir da revisão de literatura e análise de dados sobre o perfil do público do museu estudado alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas, especialmente nos campos da educação de qualidade e crescimento econômico sustentável. De autoria coletiva de Damiane Daniel Silva Olveira dos Santos (UFT), Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro (UFRJ), Heloisa Teixeira Firmo (UFRJ), o artigo UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA EM ACESSIBILIDADE CULTURAL NO MUSEU DA GEODIVERSIDADE NO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS (MGEO/IGEO) DA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO” aborda a experiência de formação continuada para educadores museais, demais profissionais de museus, docentes da educação básica de ensino e estudantes do ensino superior nesta instituição museal e educacional. A pesquisa foi pautada a partir de uma metodologia qualitativa sobre o Curso de Extensão *Aprendendo a lidar com a diversidade: Acessibilidade Cultural e Educação Ambiental para o público com Deficiência Intelectual* e os impactos no fomento de ações inclusivas. Em seu artigo **ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NOS MUSEUS DE CIÊNCIA UNIVERSITÁRIOS: O CASO DO UC EXPLORATÓRIO - CENTRO CIÊNCIA VIVA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA**, Ana Carolina Alves Vicente (UFF/Fundação Oswaldo Cruz) e Jessica Norberto Rocha (Fundação CECIERJ) apresentam resultados sobre o estudo de caso realizado no UC Exploratório - Centro Ciência Viva da Universidade de Coimbra, em Portugal, utilizando a ferramenta teórico-metodológica “Indicadores de Acessibilidade em Museus e Centros de Ciências”, que engloba as acessibilidades física, atitudinal e comunicacional.

Na temática **Perspectivas sobre os Acervos de Universidades**, o artigo **MULHERES CIENTISTAS NOS MUSEUS** de Camila de Macedo Soares Silveira (UFPEL) e Daniel Maurício Viana de Souza (UFPEL) analisa a representação das mulheres cientistas em museus de ciência, focando na coleção entomológica das Irmãs Figueiredo no Museu de História Natural da Universidade Católica de Pelotas (UFPEL), no Rio Grande do Sul. O objetivo do estudo é investigar a presença, atuação e (in)visibilidade das mulheres nas ciências e nos museus, destacando a dinâmica entre esquecimento e memória, assim como a importância da adoção de uma Museologia de Gênero nos museus, tornando-os espaços mais inclusivos e representativos. No artigo **MAPEAMENTO DAS COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS NO BRASIL: PERCURSOS E CONTRIBUIÇÕES À PNM**, de autoria de Adriana Russi (UFF), Geslline Giovana Braga (UFRN) e Marco Brandão (UFF), são apresentados dados do mapeamento de coleções etnográficas realizado pelo Comitê de Patrimônios e Museus da Associação Brasileira de Antropologia, cujo objetivo é a divulgação num banco de dados acessível via portal web. Por fim,

no artigo **UMA JOIA FEITA DE IMAGEM E VIDRO** das autoras Carolina e Érika Michele Avelino Negreiros Gonçalves (UFRJ) apresentam o processo de investigação pelo qual vem passando uma imagem em vidro redescoberta em meio a fotografias emolduradas na reserva técnica dos Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF) e que tem como objetivo sensibilizar o corpo social das universidades sobre as preciosidades que podem estar sob a sua guarda e que precisam ser publicizadas para fins de novos estudos e discussão científica.

Agradecemos à Revista *Arteriais* pela parceria nesta publicação e aos autores dos artigos pela participação no VII Fórum Permanente de Museus Universitários e nesta publicação temática. Trata-se de artigos inéditos e que coloca as coleções e os museus universitários, os estudos e as pesquisas sobre o tema em evidência no cenário nacional. Esperamos que esta publicação estimule novas investigações e novas publicações nos e pelos pesquisadores, professores, profissionais de museus, estudantes de graduação e pós-graduação que atuam nas coleções e nos museus universitários brasileiros. Por fim, convidamos a todos os pesquisadores e estudiosos da área a participarem do VIII Fórum Permanente de Museus Universitários, em Fortaleza, Ceará, no segundo semestre de 2025.

Vida longa às coleções e museus universitários brasileiros.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Graciele Karine Siqueira é Museóloga formada pela Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). Especialista em Gestão Cultural pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Mestre em Museologia e Patrimônio pela UniRio em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast). Atualmente cursa MBA em Gestão de Museus e Inovação pela ABGC Cultural e Expomus. Trabalha no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (Mauc/UFC), desde 2008, desempenhando a função de museóloga e responsável pela Divisão de Acervos e desde 2018, ocupa a função de diretora do Mauc/UFC. Integra o Grupo de Pesquisa Rede de Pesquisa e (In)Formação em

Museologia e Patrimônio da Universidade Federal da Paraíba - RedMus/UFPB. Tem experiência na área de pesquisa e documentação museológica, planejamento e gestão de coleções e museus; plano museológico.

E-mail: graciele@ufc.br

Paola Haber Maués é museóloga na Universidade Federal do Pará (UFPA), onde atua na Galeria de Arte e gestão do acervo da Coleção Amazoniana de Arte. Doutoranda em Artes no PPGArtes/UFPA, desenvolvendo pesquisa na temática dos estudos de gênero em coleções de arte. É mestre em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2014), e licenciada e bacharel em Artes Visuais pela Universidade da Amazônia (2010).

E-mail: paolamaues@ufpa.br

Rodrigo Luiz dos Santos é formado em Museologia pela Universidade Federal de Ouro Preto; Licenciado em História pela Universidade Metodista de Piracicaba; Especialista em Cultura e Arte Barroca, pela Universidade Federal de Ouro Preto. Especialista em Conservação Preventiva de Bens Eclesiásticos Móveis pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Atualmente responde como Museólogo e Coordenador do Museu Universitário da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Possui experiência em Processos Museológicos Comunitários e Museologia Social; Pesquisador vinculado ao Laboratório de Pesquisa e Extensão em Arqueologia, Patrimônio e Processos Comunitários (LAPACOM), ligado ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto.

E-mail: coord.museu@puc-campinas.edu.br